

DF - Saúde

Hospital de Base, 44 anos

PRINCIPAL PROBLEMA DA MAIOR UNIDADE HOSPITALAR DO DF É A SUPERLOTAÇÃO DA EMERGÊNCIA

MARIA FERRI

DA EQUIPE DO CORREIO

Apassos lentos e carregando frascos de soros, pacientes desceram dos quartos. Médicos deixaram de lado os instrumentos cirúrgicos. O fim de semana foi de festa no Hospital de Base. As comemorações pelos 44 anos — completados ontem — da maior unidade hospitalar do Distrito Federal deixou muita gente emocionada. Em um show de Música Popular Brasileira, um grupo de oito profissionais encheu de vida os corredores. As canções, cantadas e tocadas em um espaço ao lado da capela do hospital, eram escutadas longe.

Referência no tratamento de pacientes, o Hospital de Base viveu uma semana festiva. Teve distribuição de bolo, hasteamento da bandeira nacional, discursos inflamados de autoridades e uma grande abraço em volta de um dos blocos — mais de 300 pessoas participaram. Em seu 44º aniversário, no entanto, o hospital vive um quadro de hipertensão. A emergência, por onde passam mil pessoas por dia, bate num ritmo mais acelerado do que suporta.

As veias — os corredores de acesso — estão entupidas, por serem a única alternativa encontrada para instalar os pacientes. Com capacidade para 94 leitos, a emergência abriga em média 200 — mais que o dobro. E já chegou a ser ocupada por 240, duas vezes e meio a mais do que o ideal. "Está apertado e pequeno para tanta gente. Não tem conforto, mas pelo menos conta com recursos disponíveis", avalia o diretor, José Carlos Quinaglia.

Só na última sexta-feira, 180 pacientes dividiram espaço na emergência. Ficavam um ao lado dos outros, sem divisões entre os leitos. Qualquer cantinho serve para instalar mais um. Até ao lado de uma pilastra. O lema é nunca deixar ninguém sem ser atendido. Gente que chega de tudo quanto é lugar, principalmente de cidades do Entorno, e que sobrecarregam o atendimento.

Fotos: Carlos Vieira/CB



PACIENTES EM MACAS DO SETOR DE POLITRAUMATIZADOS DO PRONTO-SOCORRO: MAIS DE MIL PESSOAS SÃO ATENDIDAS DIARIAMENTE NA EMERGÊNCIA

É junto a uma coluna que a moradora do Paranoá Érica Leonardo Monteiro, 18 anos, com fratura exposta no braço e o cotovelo esmagado, se recupera de um acidente de carro. Está ali há exatos 15 dias. "Alguém precisa se sensibilizar. Tenho medo da minha filha contrair uma infecção hospitalar", revolta-se a mãe, Marta Oliveira, 42. Érica terá de ficar mais um mês aguardando cirurgia, segundo a mãe.

A menos de 50 metros, também sobre uma maca encostada a um pilar, está a moradora de Barreiras (BA) Eli Tereza Pillon, 47. Ela chegou ao hospital com fortes dores de cabeça às 17h30 da última quarta-feira. Tem um tumor no cérebro, e aguardou dois dias pela avaliação de uma especia-

lista em neurocirurgia. O marido, o pedreiro Hortêncio Ávila, 49, conta que sua irmã mais nova passou a noite anterior em pé ao lado da maca. Ali não há espaço nem estrutura para acomodar acompanhantes.

Estresse

O número elevado de pacientes ainda estressa os servidores e esgota antes do previsto a cota de medicamentos e materiais cirúrgicos. "Não dá para atender todo mundo junto. E os equipamentos também não resistem. Chega uma hora que explodem: começam a falhar, mandamos para o conserto, muitas vezes não tem peça e demora para voltar, e assim é a rotina", descreve a assistente da chefia da emergên-

cia, a enfermeira Alberina Santos, 60. Trabalha há 20 anos no hospital.

"Os funcionários da emergência são verdadeiros heróis", avalia o diretor, José Quinaglia. "O trabalho é exaustivo." Ele informa que as quantidades de medicamentos e suprimentos, previstas no orçamento do ano anterior, nunca acompanham o ritmo da emergência porque o número de atendimentos cresce 2,5% ao ano.

O maior hospital público do DF, com 800 mil m², também tem uma conta de consumo astronômica. Um terço é destinado à emergência. São 220 mil seringas, 280 mil luvas e 100 mil pacotes de gaze por mês. O hospital ainda gasta cerca de R\$ 2,5 milhões com medicamentos de uso interno.

CONSUMO MENSAL

220 mil seringas, 280 mil luvas, 100 mil pacotes de gaze, 100 mil frascos de soro